

O NOMINALISMO DE ROSCELINO DE COMPIÈGNE: OS UNIVERSAIS COMO “FLATUS VOCIS”

Nominalism in Roscelino de Compiègne: Universals as “flatus vocis”

Marcilio Bezerra Cruz, Clauberwan Lincow Silva¹

Resumo: O subsequente trabalho consiste em analisar sistematicamente o nominalismo de Roscelino de Compiègne e suas principais objeções ao problema dos universais que fora profundamente discutido ao decorrer de toda a trajetória da história da filosofia, mas que ganhou um destaque sui generis na Idade Média. Buscaremos, a partir de uma apresentação mais ampla sobre o tema, destacar as concepções do supracitado filósofo frente às demais correntes vigentes em sua época, sublinhando e comentando também as prevaletentes críticas efetuadas por seus principais opositores, a saber, Santo Anselmo e Pedro Abelardo.

Palavras chave: Filosofia Medieval. Problema dos universais. Nominalismo. Roscelino.

Abstract: *This present article seeks, firstly, to systematically analyze the traditional solutions to the problem of the Universals that were formulated since the Antiquity to the first centuries of the Middle Ages, which would be known by the names "exaggerated realism", in its platonic side, and "moderated realism", in its Aristotelian side. Within this general view we'll focus on the conceptions of Roscelino de Compiègne by comparing to the currents in his time, and also stressing and commenting on the prevailing criticisms made by his main opponents, namely St. Anselm and Peter Abelard.*

Keywords: Roscelino de Compiègne. Problem of the Universals. Nominalism.

Introdução

Se fizéssemos um rápido levantamento dos principais problemas encontrados ao decorrer da história da filosofia ocidental, desde o seu figurativo começo com os gregos até os tempos pós-modernos ou contemporâneos, notaríamos que existe uma série de questionamentos que se repetem, encontrando novas perspectivas de compreensão no fluxo da história. É o caso, por exemplo, dos problemas ligados ao homem: “quem somos? De onde viemos? Qual é nossa finalidade e para onde vamos?” Da existência (ou não) de Deus; das inúmeras tentativas de explicar racionalmente a Trindade ou dos questionamentos acerca da evolução nas revoluções científicas.

Todos são de indiscutível valor para a filosofia e podem ser encontrados por quase toda a história com suas inúmeras perspectivas divergentes, o que nos leva a crer que uma apresentação detalhada e sistemática de todos eles seja uma tarefa praticamente impossível para uma só vida. Dentre essas questões, o problema dos universais se destaca

¹ Graduandos em filosofia, Universidade Federal do Pernambuco.

nitidamente como sendo um daqueles que ficariam entre os mais importantes, uma vez que é dele que deriva uma boa parte de toda a filosofia – como tentaremos deixar claro nas páginas ulteriores.

E no que consiste tal problema? Um universal pode ser definido como o objeto que abrange e caracteriza as coisas em particular. Podemos aplicar numa multiplicidade de indivíduos singulares algo em comum que os qualifica e os determina. Por exemplo: o termo “homem” se aplica tanto a João, quanto a José; assim como “animal” se aplica a todos os seres vivos dotados de movimento e sensibilidade. Identificar, pois, como se dá a “relação entre as ideias ou categorias mentais, expressas em termos linguísticos com as realidades extramentais” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 520) é no que consiste o problema dos universais. Não obstante, essa tentativa de explicar a relação que há entre as ideias e as coisas pode ser encontrada desde a origem da filosofia, tanto indiretamente quanto diretamente, perpassando até os dias atuais.

1 Uma análise histórico-filosófica do problema dos universais

Na Antiguidade, se analisarmos a metáfora da segunda navegação, elaborada por Platão², que deu origem a dimensão metafísica do ser, poderemos perceber que ela resulta justamente da tentativa de resolver indiretamente ao problema dos universais. A teoria das ideias é a concepção extraída por Platão daquilo que permanece inalterável em todas as coisas, independente do devir ou do fluxo contínuo do tempo. É isso que nos aponta David Ross na sua célebre obra “Teorias de las ideas de Platon”:

Os germes das teorias das ideias resultam mais claramente no *Laques*. Neste diálogo, depois de enumerar diversas circunstâncias em que pode surgir o valor, Sócrates pergunta: ‘o que é que está em todas as coisas e é o mesmo? Dando a entender que há algo que permanece o mesmo’³.

As coisas em particular, portanto, são meras cópias imperfeitas das ideias imutáveis que existem separadamente delas.

Aristóteles, por sua vez, formula também indiretamente outra concepção acerca dos problemas dos universais, rejeitando a teoria das ideias de Platão. Para o Estagirita, a realidade consiste unicamente nos seres singulares, que ele nomeou de “substâncias primeiras”, e os universais não passam de características inerentes aos indivíduos de uma mesma espécie ou gênero (as substâncias segundas) dando a eles atributos que nunca podem ser alterados – a não ser, claro, com a morte. Podemos dizer, nessa perspectiva, que *o universal é atribuído a muitos* e o particular é aquilo que só pode ser dito de um único ser. O termo “homem” é um universal, mas João é o termo singular a qual se refere um único homem com seus diferentes acidentes e características que nenhum outro possuirá.

Contudo, não será na Antiguidade que esse problema irá encontrar o maior destaque. O neoplatônico Porfírio (232 – 304 d.C), que fora um grande comentador das principais obras *platônico-aristotélicas*, ao tentar interpretar as *Categorias* de Aristóteles através

²[...] na antiga linguagem dos homens do mar, “segunda navegação” se dizia daquela que se realizava quando, cessado o vento e não funcionando mais as velas, se recorria aos remos. Na imagem platônica, a primeira navegação simbolizava o percurso da filosofia realizado sob o impulso do vento da filosofia naturalista. A “segunda navegação” representa, ao contrário, a contribuição pessoal de Platão, a navegação realizada sob o impulso das suas próprias forças, ou seja, em linguagem não metafórica, sua elaboração pessoal” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 134).

³“Los gérmenes de la teoría de las ideas resultan más claros en el *Laques*. Em este diálogo, después de enumerar diversas circunstancias en las que puede manifestarse el valor, Sócrates pregunta: ¿qué es lo que está en todas estas cosas y es lo mismo? Dando a entender, por tanto, que hay algo que es lo mismo” (ROSS, 1997, p. 26).

de um novo viés, acaba dando origem à disputa dos problemas dos universais na Antiguidade Tardia. Sua obra, *Isagoge*, é uma tentativa de convergir às explicações propostas por Platão (realismo exagerado) com as teses elaboradas por Aristóteles (realismo moderado). Retirando as categorias do campo ontológico, Porfírio pretende discuti-las a partir do ponto de vista lógico, o que o obriga ou a fazer um estudo detalhado dos problemas dos universais ou deixá-los inteiramente de lado:

[...] para começar ao que diz respeito aos gêneros e às espécies, acerca da questão sobre se são entidades existentes em si ou se são simples concepções que têm lugar na mente e, admitindo-se que sejam entidades existentes, se são corpóreas ou incorpóreas e se, finalmente, são separadas ou, ao contrário, existem nas coisas sensíveis e dependem delas, me absterei de falar já que um problema dessa natureza é muito profundo e exige uma outra investigação e mais ampla; aqui procurarei mostrar-te às quais chegaram sobre esses últimos pontos e sobre outros objetos da minha investigação, os antigos e, de modo particular, os Peripatéticos. Segundo Porfírio, *Isagoge*, 1 (*apud* REALE, 2012, p. 154).

Porfírio, como acabamos de ler, opta por abandonar o estudo detalhado dos problemas dos universais, mas contribui por destacá-lo nitidamente para todo aquele que desejar aventurar-se em solucioná-lo. É isso que vai acontecer posteriormente com Severino Boécio no século V d.C. que, além de traduzir o *Isagoge* para o latim, vai ser o primeiro a fazer uma investigação mais detalhada do problema. Boécio acaba por transferir o debate para os medievais, instituindo uma querela que vai ter seu ponto culminante no século XII com as figuras de Guilherme de Champeaux, Pedro Abelardo e Roscelino de Compiègne. Cada qual buscará uma solução baseando-se numa perspectiva de algum filósofo ou corrente filosófica do mundo antigo.

Guilherme de Champeaux, por exemplo, formulou suas respostas através de um viés visivelmente platônico: os universais são entes metafísicos perfeitos que existem por si, completamente separados dos indivíduos concretos que apenas participam deles como seus modelos ou cópias. Essa perspectiva ficou tradicionalmente conhecida como *realismo exagerado*:

Guilherme sustentava a realidade substancial dos universais e afirmava que tal realidade se encontra inteiramente em todos os indivíduos, que se multiplicam e se diferenciam entre si por qualidades acidentais. Por exemplo, a espécie “homem” é uma realidade que permanece uma e idêntica em todos os homens; a ela se acrescentam depois as qualidades acidentais que são diferentes em Sócrates, Platão e nos outros indivíduos particulares (ABELARDO, *Obras inéditas*, 513 *apud* ABBAGNANO, 1984, p. 154).

Pedro Abelardo, por sua vez, utiliza-se do *hilemorfismo* aristotélico para cunhar a perspectiva que tradicionalmente ganhou o nome de *realismo moderado*. Para Abelardo, os universais não eram entes subsistentes, mas existentes apenas no entendimento, designando “a imagem confusa extraída pelo pensamento de uma pluralidade de indivíduos de natureza semelhante e que estão, por conseguinte, no mesmo estado” (GILSON, 1995, p. 384).

Já Roscelino, como veremos a seguir, parte exclusivamente da *desontologização da linguagem* proposta por alguns sofistas para o desenvolvimento de sua concepção nominalista do problema.

2 Os universais como “flatus vocis”

Em oposição ao “realismo exagerado” defendido por Guilherme de Champeaux, podemos encontrar uma vertente filosófica de cunho profundamente relativista, que, em seu bojo, procura sobrepor o valor das coisas individuais sobre os termos universais. Sua principal característica concentra-se no fato dela promover a *desontologização* da linguagem, o que em outras palavras quer dizer, a total separação dos valores linguísticos com a realidade. Essa vertente, que ficou conhecida a partir da Idade Média pelo nome de *nominalismo*, é remota; contudo, os historiadores convergem em admitir que tal concepção fora instaurada nos séculos XI-XII, por Roscelino de Compiègne, como uma das primeiras e principais tentativas de responder as dúvidas inseridas por Porfírio no já mencionado *Isagoge*.

Entretantes, apresentar a posição de Roscelino não costuma ser uma tarefa fácil ou segura, pois pouco se restou dos seus escritos. Sua postura chegou até nós através de citações indiretas inferidas principalmente por seus adversários, que podem simplesmente não tê-lo compreendido bem ou, até por má vontade, escrito uma série de barbaridades que não condizem com os fatos (cf. VASCONCELOS, 2004, p. 6). Não obstante, pela falta de alternativa e pela única Carta que este escreveu a Pedro Abelardo – sobre a questão da Trindade, onde ele expõe um pouco da sua doutrina – somos impelidos a adotar a concepção canônica que se estabeleceu durante o decorrer dos séculos.

Roscelino nasceu em Compiègne, na França, em meados de 1050. Estudou por longos anos em Soissons e depois em Reims, donde se acredita que teve contato com os primeiros germes das ideias nominalistas que ulteriormente iria engendrar sua teoria. Em seguida, ensinou como teólogo na Catedral de Compiègne, depois em Lones, Bretanha (onde teve como seu aluno a figura de Abelardo), Besançon, e por fim, em Tours⁴. Viveu sob ataques constantes dos seus adversários que criticavam, principalmente, a impossibilidade de compatibilizar a sua doutrina com os ensinamentos pregados pelo cristianismo. Por conta de tais críticas – em especial a de Anselmo de Aosta, que iremos abordar mais adiante – as ideias de Roscelino são tidas como heréticas e condenadas inúmeras vezes até sua morte, que ocorreu entre 1123 e 1125.

Mas, de fato, quais eram suas ideias? Para Roscelino os universais não passavam de *nomes*. Eles não possuíam qualquer valor semântico ou predicativo, não podendo ser referido a nenhuma coisa em particular, uma vez que todas elas existem singularmente e individualmente. Somente a individualidade é real, não havendo outro meio possível de considerar o indivíduo fora dessa *indivisível individualidade*. Através disto, Roscelino propõe que os universais são apenas expressões puramente abstratas (*flatus vocis*) que não possuem qualquer valor de existência e que servem apenas para designar os indivíduos em particular:

Quanto aos universais, nada mais são do que expressões de uma pura abstração, trata-se de conceitos que servem para designar os indivíduos e, enquanto conceitos designativos, não passam de uma pura emissão fonética. Roscelino reduz o universal à realidade física do termo pronunciado, ou seja, *flatus vocis* [...] (VASCONCELOS, 2004, p. 7).

Sendo os universais meros sopros vocais (*flatus vocis*) desprovidos de qualquer valor de verdade, o acesso ao conhecimento se restringe puramente aos sentidos e este caminho não permite que se chegue a qualquer outra realidade, a não ser, a do indivíduo. Se

⁴ Quanto à ordem cronológica de tais acontecimentos, existe uma divergência. Não se sabe ao certo em quais Catedrais Roscelino fora mestre inicialmente e quais ficaram por fim. Adotaremos aqui a ordem estabelecida por Nicola Abbagnano (1984, p. 70).

observarmos um pouco mais detalhadamente o que está sendo proposto até então, podemos encontrar na base da teoria do conhecimento de Roscelino uma supervalorização das “sensações” que vai servir de suporte para as teorias posteriores dos empiristas modernos. De fato, para o nominalismo, qualquer outra realidade que não seja imanente ao indivíduo em particular não tem significação real, sendo apenas uma mera abstração sem qualquer valor. A sabedoria de um homem, por exemplo, não se encontra distinta daquele a quem possui, mas encontra-se intimamente conectada. Assim também como a sua cor não se distingue do seu corpo. O indivíduo, portanto, constitui uma única unidade e suas inúmeras partes só podem ser apreendidas se as integrarmos na totalidade.

Todas as concepções que mencionamos acerca do nominalismo de Roscelino, vêm de testemunhos indiretos, como já comentamos anteriormente. Tanto Anselmo, como Abelardo e João de Salisbury nos contam que Roscelino admitia que os gêneros e as espécies não passavam de *vozes* e que a única via de acesso ao conhecimento é a partir dos sentidos. Contudo, não podemos descartar por completo a hipótese de que seu pensamento, de fato, tenha sofrido qualquer tipo de modificações ou até mesmo sido deturpado. É o que contesta, por exemplo, Bertrand Russell em sua “*História da Filosofia Ocidental*” (1964, p. 149):

Segundo Anselmo, [Roscelino] disse que os universais são meros flatusvocis. Se tomar isto ao pé da letra, significa que um universal é uma ocorrência física, isto é, uma coisa que ocorre quando pronunciamos uma palavra. **Difícilmente poderá supor-se, porém, que Roscelino haja afirmado uma coisa tão tola** (Destaque nosso).

O historiador John Marenbon, por sua vez, também vai de confronto com as ideias tradicionais que se aplicam a Roscelino. Na sua obra “*Early Medieval Philosophy*”, ele apresenta uma hipótese da qual, o texto “*Setentia de universalibus secundum magistrum R*” pode ser da autoria de um aluno de Roscelino. Nesse texto há uma interpretação diferenciada dos universais comumente atribuída ao nominalismo: “os universais não são apenas palavras, mas as coisas é que podem ser consideradas de modos diferentes, a partir dos significados das palavras” (VASCONCELOS, 2004, p. 9). Essa concepção destaca uma variação nos sentidos dos universais, de acordo com a forma em que eles são utilizados. Um termo universal pode ter tanto *apelativo* como *próprio*. Peguemos como exemplo o universal “homem”: num sentido apelativo, ele se refere a cada indivíduo em particular que seja um animal dotado de racionalidade; no sentido próprio, “homem” constitui a figura de todo indivíduo humano.

A concepção de John Marenbon vai bem mais além daquela que tradicionalmente é empregada, creditando mais valor à razão e livrando o nominalismo de uma radical interpretação empirista. Nessa concepção, os sentidos podem perceber as coisas como elas realmente são e a imaginação pode percebê-las em sua ausência. Enquanto que os sentidos percebem o homem em seu particular, a razão considera-os como membros de uma espécie, compreendendo seu significado de forma própria. É somente ela que consegue extrair os universais das coisas e concebê-los de forma divisível, vendo o “homem”, por exemplo, em sua *pureza*.

Contudo, mesmo sendo bastante contundentes os argumentos supracitados, eles não passam de hipóteses. Se formos, de fato, procurar na história do nominalismo, aqueles momentos que podem ser considerados verossímeis, encontraremos pelo menos dois de caráter irrefutável: o movimento histórico que iniciou o nominalismo até chegar em Roscelino e a crítica de Anselmo à ele.

O primeiro movimento histórico que procurou extrair todo o valor ontológico da linguagem foi o dos sofistas, na Antiguidade. Os sofistas marcaram a mudança categórica da pesquisa filosófica cosmológica para a humanística. Os primeiros filósofos buscaram encontrar o princípio da natureza que rege toda a ordem do mundo, mas acabaram

se contrapondo tanto entre si que essa busca perdeu totalmente o sentido. A filosofia passou, a partir disso, da busca do princípio da natureza para a busca do princípio que rege o homem, suas ações e seu conhecimento. Os sofistas surgem nesse contexto como aqueles que acreditam no convencionalismo da verdade e que todo conhecimento é relativo. Ora, se o conhecimento é relativo e a verdade é convencional, a linguagem não se aplica de forma alguma com a realidade:

Virando Parmênides de cabeça para baixo, Górgias afirmou que nada existe (ou é real), que, se existisse, não poderíamos conhecê-lo e, se, pudéssemos conhecê-lo, não poderíamos comunicá-lo a outrem. “A base filosófica é a mesma que a do dito de Protágoras: o que parece a cada um é na medida em que lhe interessa”. “Se”, diz Górgias (fr. 11º, 35 DK), “fosse possível por meio de palavras (*logoi*) tornar a verdade sobre a realidade (*erga*) pura e clara aos ouvintes, o julgamento seria fácil como simplesmente seguindo do que foi dito; mas uma vez que não é assim... (GUTHRIE, 2007, p. 171).

Essa teoria da *desontologização* da linguagem pronunciada pelos sofistas parece ter influenciado os predecessores de Roscelino. Étienne Gilson (1995, p. 288) nos aponta ao menos dois filósofos anteriores a Roscelino que valorizaram a palavra (*voci*) frente as coisas (*res*): o desconhecido místico Pseudo Rabano e o monge da abadia beneditina de Saint-Germain, Érico de Auxere (841 – 876). Para o Pseudo Rabano, do qual temos pouquíssimas informações, Porfírio, em seu *Isagoge*, se remete a cinco termos, e não a cinco coisas, o que nos leva a acreditar que ele concebia os universais não como entidades subsistentes, mas apenas como termos linguísticos. Érico de Auxere, por sua vez, comentou muitas obras dos filósofos medievais anteriores a ele e, principalmente, as obras dos antigos. Dentre estas, estão o *De interpretatione* e *Isagoge*. Para Érico de Auxere, assim como para os sofistas, não podemos ter de fato uma ligação entre linguagem e realidade, pois os termos linguísticos não passam de convenções.

Mesmo ambos os filósofos não tendo colocado com consciência suficiente a complexidade dos problemas dos universais, podem ser vistos como influências diretas a Roscelino, que atribuiu suas concepções na formação do seu nominalismo. Em sua totalidade, o nominalismo tem a característica positiva de conter respostas mais fundamentalmente lógicas – motivo pelo qual ele vai ser tão bem acolhido na modernidade. Entretanto, como característica negativa, tem a difícil tarefa de compatibilizar-se com os dogmas cristãos. É nesse contexto que Anselmo de Aosta vai lançar uma série de críticas a Roscelino que vão conseqüentemente desembocar na condenação das suas ideias.

3 A condenação do nominalismo

Anselmo de Aosta (ou Santo Anselmo) foi a figura de maior relevância do século XI, não apenas por ter sido o fundador da teologia centrada no instrumento da razão, mas por que produziu um dos mais belos argumentos para a existência de Deus⁵. Sua crítica a Roscelino encontra-se na *Epistola de incarnatione verbi*, obra que se divide essencialmente em cinco momentos distintos que trata estruturalmente da relação que há entre fé e razão. A partir desse combate direto as doutrinas de Roscelino, Anselmo apresenta as atitudes corretas que um cristão deve tomar frente ao esforço intelectual. Tais atitudes exigem um preparo

⁵ Infelizmente não nos atentaremos a prova ontológica da existência de Deus engendrada por Santo Anselmo neste trabalho. Não obstante, se o leitor encontrar o interesse no assunto, destacamos o livro: ANSELMO, Santo: A prova da existência de Deus. *In: Dez provas da existência de Deus*. Sel., introd. e trad. de Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Alameda, 2006. p.153-162.

específico do cristão – coisa da qual, segundo ele, Roscelino ainda não possuía ao ousar discorrer sobre as coisas de Deus.

Para Anselmo, o equívoco de Roscelino consistia em não extrair dos indivíduos o universal, como se tudo que existisse, existisse separadamente. Ora, não podendo haver algo de comum entre os entes, a Trindade também seria impossível de se conceber:

Escutemos como este cristão [Roscelino] defende sua fé: “se [diz ele] três pessoas são uma coisa somente uma e não três coisas, cada uma por si separadamente, como três anos ou três almas, de tal modo, portanto, que pela vontade e por elas são totalmente a mesma, então, o Pai e o Espírito Santo se encarnaram com o Filho”. “Vê-se (completamente ironicamente Anselmo) como este homem, este cristão defende sua fé” (ANSELMO, *Epistola de incarnatione Verbi II*, 10,21 – 11,2 *apud* VASCONCELOS, 2004, p. 15).

A partir das palavras de Santo Anselmo, concluiu-se que o nominalismo de Roscelino desemboca na *heresia trinitária*. As três pessoas da Trindade são três realidades completamente distintas, apesar de serem idênticas pela vontade e pelo poder. São como três “homens” que possuem as mesmas limitações e desejos, mas que essencialmente são diferentes um do outro. Entrementes, o problema do nominalismo frente ao cristianismo pode se agravar ainda mais se pensarmos que toda a linguagem é desprovida da verdade, como afirma os sofistas. As tantas determinações que podemos atribuir a Deus, por exemplo, acabam por serem não mais que simples nomes diversos sem qualquer valor efetivo.

Posteriormente, no século XII, Pedro Abelardo buscará resolver o problema dos universais rechaçando logicamente tanto o “realismo exagerado” de Guilherme de Champeaux como o nominalismo de Roscelino. Contra as ideias platônicas e, conseqüentemente, toda filosofia construída a partir delas, Pedro Abelardo se vale do princípio de não contradição aristotélico. Já em relação a Roscelino, Abelardo diz que este também se enganou ao dizer que o universal não é mais que um sopro de voz, por que se seguirmos a risca sua concepção, somos obrigados a admitir que toda construção gramatical correta é logicamente verdadeira, o que é um completo absurdo.

Assim, o nominalismo de Roscelino fora condenado pela primeira vez num Concílio celebrado em Reims, por volta dos anos de 1092 e 1093. O filósofo foi obrigado a renunciar suas doutrinas sob pena de ser assassinado pelo povo da cidade. Entretanto, uma vez abandonando-a, Roscelino voltou a defender suas teses publicamente. Em 1094/1095 foi novamente condenado pelo rei Filipe, sendo finalmente expulso da França. Chegando à Inglaterra, sua doutrina acabou por lhe garantir uma perseguição que o obrigou a regressar a sua terra natal. Mesmo com todos esses incidentes, Roscelino ainda voltou aparecer publicamente em 1121, alguns anos antes de sua morte, agora para combater as doutrinas do “realismo moderado” propagadas por Pedro Abelardo⁶.

Conclusão

A posição de Roscelino frente ao problema dos universais acaba por instaurar, na história da filosofia posterior a ele, um estudo mais aprofundado acerca das palavras e dos seus modos de assumir significados distintos, dando a partida para os estudos lógicos e linguísticos que marcarão preempitoriamente os tempos modernos e contemporâneos. Contudo, por mais que o nominalismo, o “realismo exagerado” e o “realismo moderado”

⁶ A sua carta direcionada a Pedro Abelardo é a única coisa escrita por suas próprias mãos que nos permaneceu até hoje.

tenham se debruçado persistentemente para solucionar o problema dos universais, a solução estava longe de ser alcançada.

Não nos preocupamos em determinar, na nossa visão, a vertente que consideramos ser a mais adequada ou a que compartilhamos, pois, não era este o propósito do trabalho. Não obstante, para concluirmos, podemos afirmar categoricamente que a importância do problema dos universais consiste de fato em encontrar uma resposta suficientemente contundente que ponha termo a ele – até por que isso é uma tarefa impossível – mas sim que deriva justamente das querelas que os envolvem constantemente, das tantas tentativas de respostas e das sínteses que podemos extrair a partir delas.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Lisboa: Editorial Presença, 1984. Vol. III.
- ANSELMO, Santo. A prova da existência de Deus. *In*: **Dez provas da existência de Deus**. Sel., introd. e trad. de Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Alameda, 2006. p.153-162
- GILSON, Étienne. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GUTHRIE, W. K. C. **Os sofistas**. São Paulo: Paulus, 2007.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990. Vol. I.
- REALE, Giovanni. **Plotino e o neoplatonismo: história da filosofia grega e romana**. São Paulo: Loyola; Editora PUC-rio, 2012. Vol. VIII
- ROSS, David. **Teoria de las ideias de Platon**. Trad. de José Luis Diez Arias. Madrid: Edições Cátedra, 1997.
- RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1969. Livro II.
- VASCONCELOS, Manoel. A crítica de Anselmo a Roscelino na *Epístola De Incarnatione Verbi*. **DISSERTATIO** 17-18, 2004, p. 5-26. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/antigas/dissertatio17-18.pdf>. Acesso em: 26/01/2014.

Texto recebido em: 03/12/2014
Aceito para publicação em: 17/12/2014